

RESENHA

Gramsci e as relações internacionais: imanência, aplicação ou tradução?

Por Rodrigo Duarte Fernandes dos Passos*

GILL, Stephen (Org.). *Gramsci, materialismo histórico e relações internacionais*, Rio de Janeiro: UFRJ, 2007b.

O temário das relações internacionais não foi fluente e sistemático na obra do comunista italiano Antonio Gramsci. A despeito disto, questões importantes emergem sobre os estudos gramscianos voltadas ao temário internacional. Gramsci foi um autor totalmente datado, de perspectiva imanente, que permitiria a aplicação de suas categorias de modo exclusivo ao contexto em que elas surgiram ou foram abordadas? Ou, de modo diverso, tais categorias poderiam ser aplicadas em outros contextos? Ou, ainda, na tradição da perspectiva marxiana, seus conceitos seriam noções de caráter variável em função de sua singularidade histórica? Se certas categorias gramscianas podem ser ampliadas e desenvolvidas em relação a seu contexto original, como justificar isso nas dimensões teórico-prática e metodológica?

Essas questões passam ao largo do livro organizado por Stephen Gill, professor da Universidade de York, em Toronto, Canadá. Como ver-se-á, tal discussão não poderia ser negligenciada em face do conteúdo do livro.

A coletânea de Gill congrega elaborações de autores normalmente rotulados como neogramscianos ou pertencentes à vertente da teoria crítica das relações internacionais. Não se trata da única obra traduzida do autor para a língua portuguesa; Gill (2006) produziu análise sobre as contradições da supremacia norte-americana, na qual aspectos do pensamento gramsciano aparecem apenas marginalmente na sua linha de raciocínio. Essa é a mesma tônica encontrada na maior parte dos textos da coletânea aqui resenhada, junto com o uso livre de categorias gramscianas sem um substancial conhecimento da obra carcerária do prisioneiro de Mussolini (GRAMSCI, 1975).

Afinal, tratar no prefácio do livro (GILL, 2007d) de um príncipe pós-moderno, a partir da acepção gramsciana do moderno príncipe, para abordar os

movimentos de resistência ao neoliberalismo requer uma explicação. Gramsci (1975), nos seus escritos carcerários, “traduziu” o príncipe maquiaveliano a partir da elaboração do conceito de mito de Georges Sorel - isto é, incorporou os conceitos de Maquiavel e Sorel de modo a não reproduzi-los mecanicamente e para adaptá-los ao marxismo.¹ Para Gramsci, o moderno príncipe seria um novo ente político-partidário que criaria uma nova vontade coletiva com vistas à agregação de um projeto político revolucionário das classes subalternas. Nada é apresentado por Gill para justificar em termos de uma tradução gramsciana e marxista o significado de pós-moderno.

No mesmo diapasão, o autor não justifica o sentido de pós-hegemônica atribuída a propostas de pesquisas sobre Gramsci e à política global que busca elucidar na introdução do livro (GILL, 2007c).

Ao discutir a necessidade de uma nova epistemologia e ontologia para a teorização das relações internacionais, numa chave gramsciana (GILL, 2007a), Gill não demonstra um conhecimento mais aprofundado da obra do comunista sardo ao não discutir pontos fundamentais atinentes ao tema: o significado do conhecimento, do senso comum e da ciência em termos da construção de uma hegemonia.

As contribuições do mais conhecido neogramsciano, Robert W. Cox (2007a, 2007b), expressam o caráter livre e inacurado das apropriações das categorias gramscianas. A perspectiva de uma contra-hegemonia no contexto internacional é exemplar nesse sentido. Ressalte-se que não somente não aparece tal categoria na obra de Gramsci, como também o entendimento de que toda ação política busca a hegemonia, ainda que ela não seja detentora ou portadora da hegemonia mencionada. Outro exemplo seria o apego do cientista político canadense a um conceito em voga, como a globalização, para explicação de cunho generalista das

características do capitalismo. Tal raciocínio denota o desconhecimento do entendimento das diferentes temporalidades, diferentes ritmos de desenvolvimento do capitalismo em distintos Estados, ponto assinalado por Gramsci (apud MORTON, 2007).

Na mesma trilha da apropriação livre e do desconhecimento da obra carcerária gramsciana, em particular da edição crítica italiana dos cadernos carcerários organizada por Valentino Gerratana (GRAMSCI, 1975), preterida em favor de edições temáticas em língua inglesa, prevalece no restante das contribuições do livro um caráter secundário das formulações gramscianas nas análises. Não se menciona isso porque Gramsci tenha um legado dos mais amplos sobre as relações internacionais; o ponto no qual se insiste é o já mencionado desconhecimento da obra gramsciana - que limita as possibilidades de aplicação de análises de Gramsci a outros contextos em função do desconhecimento, como o já tratado exemplo da análise do desenvolvimento desigual do capitalismo, que se oporia ao entendimento de uma globalização de cunho homogêneo - e a ausência de uma preocupação de justificar o uso de certas categorias em contexto estranho àquele original feito pelo comunista italiano.

Um exemplo sobre um uso distinto de uma categoria gramsciana em relação ao seu formato original refere a várias contribuições do livro e aponta para a sociedade civil internacional ou global (RUPERT, 2007; PIJL, 2007; AUGELLI; MURPHY, 2007; GILL; LAW, 2007). Gramsci definiu o que chamou de Estado integral como a unidade orgânica entre sociedade civil e sociedade política, rompendo com a cisão clássica entre os dois conceitos. Estado e sociedade civil seriam separáveis apenas como distinção didática, metodológica (GRAMSCI, 1975). Os autores neogramscianos não levam em conta tal definição, tampouco tiram as consequências da mesma. Se Estado e sociedade civil são separáveis apenas do ponto de vista metodológico, abordar a existência de uma sociedade civil global ou internacional implicaria também em pensar um Estado global ou internacional. Todavia, este não é o caso considerado por todos eles. Conforme reiterado anteriormente, caberiam questões do seguinte teor: como traduzir esse conceito para o plano internacional e como justificá-lo em face da sua definição original por Gramsci?

Na mesma direção, se a hegemonia é um processo multidimensional de direção de uma fração de classe sobre outras ou mesmo de um grupo sobre outros, que existe também no plano internacional, como justificar o enfoque de Giovanni Arrighi (2007) presente no livro que ignora justamente a questão das classes sociais ao analisar as distintas hegemonias internacionais na perspectiva histórica?

Em suma, ao contrário do que sugere o título do livro, a coletânea organizada por Stephen Gill não contempla análises que permitam explorar ao máximo as potencialidades - ainda que em vários aspectos sejam limitadas - do legado gramsciano para as relações internacionais. Os autores da coletânea usam Gramsci de uma forma limitada e, ainda assim, quando o fazem, carecem de rigor e preocupação metodológica adequada. O historicismo absoluto que caracteriza a formulação de Gramsci permitiria, mesmo dentro destes limites, uma tradução de suas categorias. Contudo, isto deve ser feito de modo bastante cuidadoso ●

Nota:

¹ Ver mais a respeito em Galastri (2011).

Referências

- ARRIGHI, G. As três hegemonias do capitalismo histórico. In: GILL, S. (Org.). *Gramsci, materialismo histórico e relações internacionais*. Rio de Janeiro: UFRJ, 2007. p. 227-273.
- AUGELLI, E.; MURPHY, C. N. Gramsci e as relações internacionais. In: GILL, S. (Org.). *Gramsci, materialismo histórico e relações internacionais*. Rio de Janeiro: UFRJ, 2007. p. 201-226.
- COX, R. W. Gramsci, hegemonia e relações internacionais. In: GILL, S. (Org.). *Gramsci, materialismo histórico e relações internacionais*. Rio de Janeiro: UFRJ, 2007a. p. 65-99.
- COX, R. W. Questões estruturais de um governo global. In: GILL, S. (Org.). *Gramsci, materialismo histórico e relações internacionais*. Rio de Janeiro: UFRJ, 2007b. p. 367-406.
- GALASTRI, L. de O. *Revisionismo "Latino" e Marxismo*: de Georges Sorel a Gramsci. 2011. 301 f. Tese (Doutorado em Ciência Política) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2011.
- GILL, S. As contradições da supremacia dos EUA, In: PANITCH, L.; LEYS, C. *Socialist register 2005*. Buenos Aires: Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales, 2006. p. 37-59.
- GILL, S. Epistemologia, ontologia e a "escola italiana". In: GILL, S. (Org.). *Gramsci, materialismo histórico e relações internacionais*. Rio de Janeiro: UFRJ, 2007a.
- GILL, S. (Org.). *Gramsci, materialismo histórico e relações internacionais*. Rio de Janeiro: UFRJ, 2007b.

GILL, S. Gramsci e a política global. In: GILL, S. (Org.). *Gramsci, materialismo histórico e relações internacionais*. Rio de Janeiro: UFRJ, 2007c. p. 41-62.

GILL, S. Prefácio à edição brasileira. In: GILL, S. (Org.): *Gramsci, materialismo histórico e relações internacionais*. Rio de Janeiro: UFRJ, 2007d. p. 11-40.

GILL, S.; LAW, D. Hegemonia global e o poder estrutural do capital. In: GILL, S. (Org.). *Gramsci, materialismo histórico e relações internacionais*. Rio de Janeiro: UFRJ, 2007. p. 157-197.

GRAMSCI, A. *Quaderni del carcere*. Torino: Einaudi, 1975.

MORTON, A. D. *Unravelling Gramsci*. London: Pluto Press, 2007.

PIJL, K. van D. O socialismo soviético e a revolução passiva. In: GILL, S. (Org.). *Gramsci, materialismo histórico e relações internacionais*. Rio de Janeiro: UFRJ, 2007. p. 367-406.

RUPERT, M. Alienação, capitalismo e sistema inter-Estados. In: GILL, S. (Org.). *Gramsci, materialismo histórico e relações internacionais*. Rio de Janeiro: UFRJ, 2007. p. 125-156.

* **Professor do Mestrado em Ciência Política/UFPI; coordenador de grupo de estudos e pesquisas sobre Gramsci/UFPI; e pesquisador do grupo "Marxismo e Pensamento Político" do CEMARX (Unicamp).**

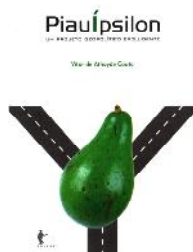
NOTAS

♦Será realizado na UFPI, nos dias 30 e 31 de maio de 2012, o "Seminário Internacional de Pesquisa em Economia Política do Jornalismo". O Prof. Dr. Solimar Oliveira Lima/Decon-UFPI coordenará, junto com a Profa. Ms. M^ª Helena Almeida de Oliveira/CEUT, um dos três grupos temáticos - Tecnologias da informação e da comunicação (TICs) e cidadania. O evento é promovido pelo Grupo de Pesquisa de Economia Política da Comunicação, Núcleo de Pesquisa em Jornalismo e Comunicação e Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social/UFPI. Mais informações: <http://seminarioepj.blogspot.com>.

♦Tendo como um dos objetivos a implementação de processos teóricos e práticos de produção, comércio justo e manejo sustentável, é que está sendo desenvolvido um projeto de extensão universitária intitulado *Programa de formação e assessoria em Economia Solidária*, coordenado pelo Prof. Dr. Solimar Oliveira Lima, no período de 20/01 a 31 de dezembro de 2012. A ação desse projeto, financiado pelo MEC-SESu, acontecerá no município piauiense de São João do Arraial, a partir de maio/2012, após conclusão de um curso de formação política para os 12 bolsistas que participam do projeto, dos cursos de economia (6), moda (3), serviço social (2) e comunicação (1).

♦O XV Encontro de Ciências Sociais do Norte e Nordeste (CISO Pré-Alas Brasil), com o tema Desenvolvimento, meio ambiente e paisagem humana do Norte-Nordeste: desafios e perspectivas, será realizado entre os dias 4 e 7/09/2012, em Teresina, promovido pela UFPI e UESPI em parceria com os Programas de Pós-Graduação em Ciência Política, Políticas Públicas e Antropologia e Arqueologia.

DICA DE LIVRO



Obra: Piauípsilon: um projeto geopolítico excludente
Autor: Vitor de Athayde Couto
Editores: Universidade Federal da Bahia
Ano: 2011

"[...] os políticos piauienses não se unem em defesa de um porto. Perdem-se vantagens comparativas. Enquanto isso, produtos *in natura* passam a circular pelo "grande ípson", revelando incalculável perda de empregos, renda e arrecadação. Sem norte, sem porto e sem porte industrial, a economia piauiense se reprimariza, subordinada à dinâmica industrial-portuária-exportadora dos Estados vizinhos."
Vitor de Athayde Couto

Expediente

INFORME ECONÔMICO

Ano 13 - n. 27 - abr. 2012

Reitor UFPI: Prof. Dr. Luiz de Sousa Santos Junior

Diretor CCHL: Prof. Dr. Pedro Vilarinho

Chefe DECON: Prof. Ms. João Soares da Silva Filho

Coord. Curso Economia: Prof. Esp. Luiz Carlos R. C. Puscas

Site DECON: <http://www.ufpi.br/economia>

Coordenador Projeto de Extensão Informe Econômico: Prof. Dr. Solimar Oliveira Lima (s.olima@bol.com.br)

Conselho Editorial: Prof. Dr. Aécio Alves de Oliveira/UFCE, Prof. Dr. Antônio Carlos de Andrade/UFPI, Prof. Esp. Luis Carlos Rodrigues Cruz/Puscas/UFPI, Prof. doutorando Samuel Costa Filho/UFPI, Prof^ª Dr^ª Socorro Lira/UFPI, Prof. Dr. Solimar Oliveira Lima/UFPI, Prof. Dr. Vitor de Athayde Couto/UFBA, Prof. Dr. Wilson Cano/Unicamp, Economista Ms. Zilneide O. Ferreira.

Coordenação, publicação e diagramação: Economista Esp. Enolisa Veras (enolisa@hotmail.com)

Revisão: Economista Ms. Zilneide O. Ferreira

Projeto gráfico: MHeN

Jornalista responsável: Prof. Dr. Laerte Magalhães/UFPI

Endereço para correspondência:

Universidade Federal do Piauí - CCHL - DECON

Campus Ininga - Teresina-PI - CEP.: 64.049-550

Fone: (86) 3215-5788/5789/5790 - Fax.: 86 3215-5697

Tiragem: 2.000 exemplares

Impressão: Gráfica UFPI

Parceria: Conselho Regional de Economia 22^a Região-PI



♦Números anteriores das publicações do Curso de Economia - **Informe Econômico** e **Texto de Discussão** -, bem como as **Normas para publicação** no Informe Econômico e informações sobre o referido Curso, encontram-se no *site* da UFPI, na página do DECON: www.ufpi.br/economia.

♦Em face da entrada em vigor das novas regras ortográficas, os artigos foram revisados, respeitando-se o estilo individual da linguagem literária dos autores (seja culto ou coloquial), conforme a 5.^a edição do Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa (VOLP, 2009), aprovado pela Academia Brasileira de Letras.